

A estética do bizarro – moda e sensibilidade na década de 1990.

Silvana Holzmeister

Data de defesa: 23/06/2008

Instituição: Centro Universitário Senac

Nos anos 1980, a moda destacou o luxo e o glamour com suas super modelos. Enfastiada, a década seguinte optou pela imagem oposta, sustentada pelo princípio da transgressão e fez valer a aptidão da moda por paradoxos. Longe de obscurantismos, a busca era, preferencialmente, pela imagem que captava a atenção por ser a mais chocante. Nesta nova fantasia estética¹, o perfeito foi substituído pelo imperfeito. Espécie de negação de todo o século XX, a última década do século passado flertou com as subculturas e privilegiou o que até então a sociedade havia “escondido debaixo do tapete”. Os anos 1990 podem ser considerados um divisor de águas na estética da imagem de moda e vêm servindo de guia de estilo até os dias atuais para os profissionais que pretendem fugir do “tradicional”, explorando estéticas que contrapõem cenários nada glamourosos a roupas luxuosas e/ou conceituais, make up e hair artísticos. Emergiram temas como as drogas, a morte, os fantasmas, os suicidas, os excluídos... personificados em modelos cujos corpos exibiam aspecto subnutrido e doentio ao mesmo tempo em que a medicina estética e a mídia celebravam o culto à juventude eterna fomentado por promessas milagrosas vindas de novas descobertas.

Em uma espécie de respaldo a essa dicotomia, havia a síndrome do final do século, mergulhada em dúvidas e pessimismo a partir da ocorrência de guerras, pobreza, pragas, desastres ecológicos, profecias sobre o fim do planeta. A moda captou a energia da década transformando-a em imagem e tendo como suporte o corpo. Como salienta Suely Rolnik no catálogo-livro para a coleção outono-inverno 1998 da grife brasileira M. Officer, batizada de *Contaminação*, "tudo que cerca o corpo o contamina imperceptivelmente, e uma sinfonia de sensações vai se compondo infinitamente em suas cordas nervosas. O corpo se revela como música das vibrações do mundo." O corpo como suporte para a criação não só da roupa, mas da imagem intoxicada pelo imaginário social é o objeto deste estudo. Degradado, machucado, debilitado ou abandonado é o principal elemento do movimento realista abraçado por uma nova geração de fotógrafos, stylists, diretores de arte, estilistas, maquiadores, jornalistas e modelos que entenderam a moda como uma instituição em que poderiam exercer a liberdade e a crítica ao presente ².

Nessa contra-tendência, o minimalismo e a ironia substituíram a ostentação nas roupas, o submundo e os excluídos passaram a ser cool. Os anos 1990 significaram um salto importante no processo de saída da moda da era grandiosa do fascínio de si mesma.³ Visto como anti-moda por aqueles que enxergam na moda apenas o ideal de sofisticação e de beleza padronizado por códigos tradicionais do mundo moderno ocidental, esse movimento reflete o presente ao deslocar, segundo Nizia Villaça ⁴, questões ligadas à ética e à política para o fórum global e multicultural das passarelas. Acrescentam-se, aqui, os catálogos, os ensaios fotográficos para as revistas de moda e as campanhas publicitárias, ambientes que, juntos, traduzem o amplo universo da imagem de moda, com uma importante afinidade com a arte vanguardista.

Como salienta Baudrillard, "não há moda a não ser no quadro da modernidade. Isto é, em um esquema de ruptura, de progresso e de inovação. Em qualquer contexto cultural, o antigo e o moderno se alternam significativamente. Mas só para nós existe, depois das Luzes e da Revolução Industrial, uma estrutura histórica e polêmica de mudança e de crise. Ao que parece, a modernidade instala simultaneamente o tempo linear, o do progresso técnico, da produção e da história, e um tempo cíclico, o da moda" ⁵. Assim, se por um lado os anos 1990 inovaram ao dissecar até as últimas conseqüências o lado obscuro da sociedade, retomaram uma série de temas não originais. Neste aspecto, é possível traçar, sob os pontos de vista antropológico,

sociológico e histórico da moda paralelos entre atmosferas pessimistas de finais de séculos, XIX e XX, permeadas por incertezas concretas ou criadas pelo inconsciente coletivo de uma sociedade pautada pela superficialidade do consumo.

A monografia **A estética do bizarro – moda e sensibilidade na década de 1990.**

refere-se, em primeira instância, aos acontecimentos em torno do fashion dos anos 1990, mas dadas às similaridades comportamentais e instabilidades sociais tornou-se natural a correlação com o final do século XIX. A partir dela são tratados três dos temas que permearam a imagem de moda no cenário contemporâneo. Bonecas, ciborgues e mortes foram escolhidos pela importância e amplitude dentro do espectro de trabalhos realizados nos últimos dez anos do século XX. Em todos eles, está presente a própria essência da moda, que consiste na reunião de aspectos como transitoriedade, contra-argumentação, senso de antecipação, sintonia com os humores sociais, frivolidade e vaidade.

NOTAS

1 Gilles Lipovetsky afirma que não há sistema de moda senão na conjunção de duas lógicas: a do efêmero e a da fantasia estética. In: LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 35.

2 Lipovetsky faz menção ao “individualismo” inerente à moda enquanto sistema, que dá uma relativa liberdade às pessoas para rejeitar, modular ou aceitar as novidades. In LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 18.

3 LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 122.

4 Dados retirados da palestra A construção do corpo e as estratégias da moda, proferida no Centro Universitário Senac – Campus Santo Amaro, 2007.

5 BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 115.